

Babados e batalhas- a difícil vida fácil das profissionais do sexo em Curitiba

Evelyn Raquel Carvalho

Curso de Psicologia - Universidade Tuiuti do Paraná

Suzana Maria Borges

Curso de Psicologia - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

A pesquisa teve por objetivo identificar e intervir, através de oficinas, no dia-a-dia/noite-a-noite das profissionais do sexo (mulheres) que atuam na Capital. O contato com este grupo foi estabelecido através do Grupo Dignidade, Organização Não Governamental atuante na área dos movimentos sociais. Foram abordadas, em média, 115 profissionais que atuam em vários ambientes. Utilizamos questionários, entrevistas e oficinas num enfoque sócio-educativo e tivemos como base teórica autores que discutem a prostituição feminina sob vários ângulos. Essas mulheres têm recebido grande número de instruções referentes à prevenção de DST, porém, muito pouco se tem feito acerca de questões como solidão, *stress* do trabalho, resgate da auto-estima. Acreditamos que nosso objetivo foi atingido, pois nos momentos proporcionados através das oficinas, com esses grupos possibilitamos-lhes uma auto-percepção, constituindo-se, nas palavras das envolvidas, como um dos raros momentos em que genuinamente estas se permitiram pensar sobre si mesmas, acima de qualquer estigma que lhes tenha sido impingido pela sociedade.

Palavras-chave: Profissionais do sexo; movimentos sociais; solidão; auto-estima.

Abstract

The research aimed at identifying and intervening, through workshops, in the day-by-day/ night-by-night of the professionals of the sex (women) that act in the capital city. The contact with this group was established through the Grupo Dignidade, Non Governmental Organization, who active in the area of the social movements. In average, 115 professionals who act active different environments were approached. We used questionnaires, interviews and workshops in a social-educational approach and had as a theoretical basis authors who discuss under several about the perspective female prostitution. These women have received a great number of instructions about regarding the prevention of DST, however, very little has been done concerning questions such as solitude, stress of the work, rescue of self-esteem. We believe that our objective has been was reached, because during the allowed moments by the workshops, self-perception was possible, consisting, in the words of the involved ones, in one of the rare moments when they I were really allowed to think about themselves without any worry about what has been imposed over them by society.

Word key: Professionals of the sex; social movements; solitude; self-esteem.

1 Introdução

Este artigo aborda o resultado de nossa pesquisa com as profissionais do sexo (mulheres) na região de Curitiba. O trabalho teve início como projeto, que foi desenvolvido em um dos estágios de conclusão de curso em Psicologia no ano de 2003. Nosso objetivo foi possibilitar momentos de reflexão e troca de experiências, resultando em uma auto-percepção e revisão de comportamentos que proporcionassem maior qualidade emocional para essas profissionais.

Chegamos até as profissionais do sexo através da Organização Não-Governamental Grupo Dignidade, que desenvolve trabalhos de assistência jurídica e social direcionados ao público de homossexuais e profissionais do sexo (homens, transgêneros¹ e mulheres). Participaram em cada

¹ Transgêneros: terminologia utilizada que engloba tanto os travestis quanto as transexuais. É um homem no sentido fisiológico, mas se relaciona no mundo como mulher. (VERISSIMO, 2004)

módulo em torno de 115 mulheres, com idade entre 18 e 78 anos, que atuam em 20 casas (saunas, casas de massagem, bares, restaurantes dançantes, hotéis de momento) e ruas da região central da cidade.

A pesquisa de campo permitiu-nos verificar o grau de heterogeneidade desse grupo, não só quanto aos seus locais de trabalho (rua, casas noturnas), mas também quanto às próprias casas, praças e ruas e as faixas etárias distintas.

Os temas trabalhados nas oficinas foram escolhidos pelas próprias profissionais a partir de um questionário que propunha alguns temas, além de abrir espaço para outras sugestões. Dessa maneira, com base nos dados levantados inicialmente, enfocamos em nossas abordagens questões que compõem o cotidiano dessas profissionais, como: a forma como lidam com a solidão, a vida em família, sonhos, violência, preconceito e auto-estima, entre outros.

Na elaboração deste artigo, utilizamos fontes bibliográficas que resgatam o histórico da prostituição, materiais que discutem o tema na atualidade, além de depoimentos e atividades realizadas durante os encontros feitos com essas profissionais.

2 Um breve enfoque histórico acerca da prostituição

2.1 A prostituição em outras épocas

Uma das colunas publicadas em um importante jornal paranaense entre as décadas de 50 e 60, a coluna social “Ecos da Noite”, funcionava como um espaço destinado para a informação dos principais eventos da boemia curitibana. O presidente da Fundação Cultural de Curitiba, em 1982, Sergio MERCER, numa entrevista realizada com o autor da coluna, Reinaldo EGAS², resgata algumas características desse período, através do texto jornalístico:

Em sua fase inicial, falava das personagens da noite curitibana, quando a mesma não era vazia nem triste como em nossos dias – mas embalada por enriquecidos “capitães do Café”, que vinham de Londrina para movimentar “La Vie Em Rose”, “Marrocos”, “Moulin Rouge” e outros geográficos em que as argentinas - algumas hoje troncos de respeitáveis famílias – bailavam e bebiam champanhe como personagens dos romances de Zola. (EGAS, 1982, p.09)

A memória de um passado de Curitiba, nem tão distante, guarda uma época de glamour e brilho onde

2 A obra de Reinaldo EGAS, “Ecos da Noite” (1982), é uma coletânea de publicações de sua coluna social (“Ecos da Noite”) editadas entre 1950 e 1960.

“bailarinas e cantoras” enfeitavam e alegravam reuniões intermináveis pela boemia da cidade, freqüentada inclusive por autoridades políticas (EGAS, 1982, p. 10): “Os prefeitos vinham à Curitiba (...) e ficavam 15, 20 dias. (...) Havia poucos hotéis, e o Itaú³ era o preferido por uma série de facilidades que oferecia”.

A matéria publicada em 1958 deixa claro que as garotas não eram somente bailarinas ou cantoras; eram de fato mulheres de programa que trabalhavam em diversos pontos, a maioria concentrada no atual centro histórico da cidade (EGAS, 1982, p. 99): “(...) foi a “boite” e conheceu Margot, a morena rumbeira do “show”, com quem, nas vésperas de ano novo, dançou um bolero de sonho e ternura. Noite seguinte lá estava outra vez. Chamou companheiros, fez despesas maiores e pagou bebidas prá todos. Trinta contos somados, gastos ali, com Margot das carícias”.

Local destinado a reuniões de cunho político, espaço artístico de teatros e musicais, a boate tinha seu papel cultural, ponto de atualização da sociedade, trazida pelas cortesãs estrangeiras, principalmente francesas e polacas. O bordel também era onde se produziam grandes poemas, servindo como fonte de inspiração, além de ser o local de iniciação sexual

e garantia da castidade das mulheres de “boa família” da capital.

Já em uma outra época, em 1914, podemos perceber, comparando com a atualidade, que existe uma certa permanência de “regras sociais”, como nos aponta Rago (1991, p. 114), em sua pesquisa sobre a prostituição em São Paulo durante o período de 1890 a 1930, apresentando uma lista de determinações que regularizavam o funcionamento dos bordéis: *b) as janelas de suas casas deverão ser guarneçadas, por dentro, de cortinas e, por fora, de persianas/. (...) c) não é permitido chamar ou provocar os transeuntes por gestos ou palavras e entabular conversação com os mesmos. d) Das 6hr da tarde ás 6hrs da manhã nos meses de abril e setembro, inclusive e das 7 hrs da tarde as 7 hrs da manhã nos demais, deverão ter as persianas fechadas, de modo aos transeuntes não devassarem o interior das casas, não lhes sendo permitido conservarem-se às portas.*

Podemos verificar, através de parte da pesquisa bibliográfica utilizada, que a prostituição não é uma atividade específica da sociedade contemporânea, mas que práticas de funcionamento ou regulação sempre estiveram presentes nas sociedades, numa relação com temas que envolvem as discussões sobre moralidade e controle social.

3 O autor refere-se ao Hotel Itaú, não tendo este estabelecimento nenhuma relação com o atual banco Itaú.

2.2 Ontem e hoje, o que mudou? A história continua...

Em 1957, uma das crônicas escritas pelo jornalista Reinaldo Egas (1982, p. 45) descreve um ambiente próximo ao que observamos em nossas oficinas: (...) *Ali, sentiu desejo de rever essas coisas, sentir o esfumaçado das salas, com maconha, riso e bebida encharcando as mesas.* A história continua, pois não é somente hoje que o consumo de drogas é feito nos locais de trabalho das profissionais do sexo; pelo contrário, observa-se que este espaço sempre foi destinado para as consideradas contravenções.

Muito mais do que a procura do prazer sexual, a casa noturna constrói-se sob a busca do proibido e da fantasia, onde se pode realizar e ser tudo o que se deseja. Alguns dos locais referenciados nos remetem a verificar que esses pontos antigos de prostituição permanecem até a atualidade. Nas ruas do centro histórico da capital paranaense, onde se instalavam os grandes bordéis luxuosos e muito badalados, hoje são locais procurados para encontros e programas. A área onde se localizava o antigo restaurante Tropical, no Parque Passeio Público, hoje abriga um grande grupo de profissionais do sexo, que participaram de nossas abordagens.

A repressão física e psicológica também continua. Como afirma Oltramari (2001), desde os gregos, as prostitutas exerciam as atividades em casas afastadas das

idades e as marcas que designavam ser ali um lugar de prostituição estavam expostas em seus corpos, como a cor do cabelo (pintado de açafrão) diferenciando-as, em contraponto a outras mulheres respeitadas.

Apontamos anteriormente, com base em Rago (1991), que a repressão à prostituição no início do século XX estava preocupada com o constrangimento das famílias e, por isso, os locais de prostituição deveriam ser os mais discretos. Atualmente, é possível perceber que este funcionamento não mudou, pois a maioria dos estabelecimentos centrais conservam-se discretos, com as janelas fechadas e com as funcionárias mantendo-se recolhidas. Já nos bairros mais afastados, e geralmente de baixa renda, encontramos casas de programa com luzes coloridas nas janelas e garotas nas portas.

Podemos concluir que as histórias são as mesmas e que a prostituição, apesar de toda a repressão, teve e tem seu papel equilibrador da sociedade e se propaga através dos séculos, constituindo-se como um fenômeno mundial.

3 A pesquisa

3.1 O início da pesquisa

Conforme mencionamos anteriormente, a elaboração de questionários foi o nosso ponto de partida para

a realização das oficinas, e que nos revelariam os temas de interesse das profissionais do sexo. Estes instrumentos também foram de grande auxílio para nosso conhecimento do “dia-a-dia/noite-a-noite” dessas mulheres.

O resultado do material organizado e aplicado na primeira oficina sobre o elenco dos temas indicou, com relação às mulheres que atuam nas ruas, que: (51%) gostariam de conversar sobre solidão; (48%) sobre sonhos para o futuro; sobre preconceito, auto-estima, (40%); entre outros temas. Com relação às “batalhadoras” das casas, os temas indicados foram: (54%) sonhos para futuro, (48%) saúde da mulher, (42%) depressão, entre outros.

A partir dos resultados, estruturamos um cronograma com datas e temas para o planejamento do programa das oficinas, nas quais foram aplicadas dinâmicas e vivências referentes aos temas trabalhados. Também realizamos entrevistas e observações que confirmavam os resultados obtidos através das atividades, como desenhos, colagens e pinturas.

Pudemos observar que se trata de mulheres sonhadoras, que querem conversar sobre outros temas, além dos mais comuns, como DST. Elas querem falar de seus sonhos, da sua solidão, de sua família e de seus amores.

Essas vivências aconteceram tanto na sede do Grupo Dignidade, com profissionais que atuam em praças e ruas localizadas na região central, quanto em

estabelecimentos organizados como bares, boates, saunas, casas de massagem. Esses locais são administrados por pessoas que podem ser tanto proprietárias ou contratadas, que, em alguns casos, também são profissionais do sexo.

3.2 Mulheres que batalham em casas, mulheres que batalham em ruas

Houve diferenças significativas entre os resultados dos questionários utilizados, conforme os locais de atuação das profissionais (casas ou ruas). Um destes aspectos refere-se à faixa etária, mais diversificada junto às profissionais das ruas. Nas casas predominam garotas jovens, (47%) com idade entre 20 e 29 anos. Já entre as que exercem a profissão nas ruas, a idade transita entre 30 e 40 anos (40%). Parece-nos que há um ciclo de vida na atuação profissional dessas mulheres: primeiramente, elas atuam em casas noturnas e após uma certa idade, geralmente entre os 35 e 40 anos, caso não adquiram seu próprio estabelecimento, passam a atuar nas ruas.

Outro dado relevante apontado pela nossa pesquisa foi o da escolaridade: (35%) das garotas das casas possuem 2º grau completo e (25%) o 1º grau completo. Com relação às garotas das ruas, (40%) possuem o 1º grau completo e (27%) o 2º grau completo. Esses

dados rompem com a idéia de que esse grupo não teve acesso a uma educação formal e, por isso, a alternativa em trabalhar como profissionais do sexo, idéia presente algumas vezes no imaginário comum.⁴

A renda mensal também é outro fator variante. Observamos que questões como o local de trabalho, a aparência das profissionais e a localização das casas ou dos pontos de atuação interferem na renda mensal das pesquisadas. A renda mensal das mulheres que estão nas ruas concentra-se (40%) em até R\$ 300,00; já nas casas, o rendimento maior (51%) está entre R\$ 500,00 e R\$ 1000,00. A maior parte da renda das garotas que “batalham” nas casas é alcançada pelas porcentagens recebidas sobre as bebidas consumidas pelos clientes. Além de estarem mais “protegidas” dentro das casas, onde a maioria também mora, geralmente os estabelecimentos pagam 50% dos programas feitos pelas garotas.

Quanto ao motivo da permanência na profissão, elas argumentam ser esse um meio de alcançar um alto padrão de vida de modo rápido, sendo que este nível dificilmente seria mantido fora da profissão. A remuneração é uma das justificativas usadas pelas profissionais para sua permanência na prostituição, principalmente para a manutenção própria e da família, e conforto dos

filhos. A maior parte da renda das mulheres é gasto com roupas; muitas ajudam suas famílias, outras pagam a faculdade, além de serem em grande parte as maiores, quando não as únicas, responsáveis pela garantia de sobrevivência dos filhos; há ainda os casos de os próprios maridos sobreviverem às custas do trabalho das profissionais.

O maior problema relatado por elas provém dos clientes, que as humilham e as violentam. Uma das entrevistadas contou que, em uma ocasião, numa noite fria, um cliente jogou-lhe um balde de água e a agrediu verbalmente. Ela não reagiu, voltou para casa chorando e não pôde mais trabalhar naquela noite, além de ter pego uma gripe forte. Outros problemas enfrentados pelas mulheres que trabalham nas ruas são as intempéries do tempo, e o roubo. Neste último caso, geralmente, se existe um cafetão controlando a rua, ele é o último a manifestar qualquer atitude de proteção ou defesa da profissional.

Quanto ao tempo de profissão, podemos perceber que há um tipo de seleção entre as casas e a rua, pois as moças das casas parecem permanecer menos tempo: (49%) estão na “vida” entre 01 e 05 anos e (38%) estão há menos de 01 ano. Já as que trabalham nas ruas, estão (33%) de 06 a 10 anos. Acreditamos que este fato esteja interligado às exigências das casas

4 Apesar desses dados, ainda encontramos profissionais, em menor número, que eram analfabetas. Esse grupo estava presente principalmente nas ruas.

de que suas garotas sejam mais novas e bonitas, como meio de atrair seus clientes.

Entre as principais dificuldades enfrentadas pelas profissionais, independentemente do local de atuação, estão: a violência (60%), a solidão (40%) e o preconceito (40%). Muitas garotas afirmam não poderem adquirir bens pela falta de documentação que comprove alguma fonte de renda. Desta forma, percebemos a necessidade das atuais discussões acerca do direito à cidadania por parte dessas profissionais, nos mais diversos campos.

Muitas moças que atuam nas casas contam sobre a existência de locais que escravizam suas funcionárias, mantendo-as presas e disponíveis para realizarem programas 24 horas por dia. Há ainda estratégias utilizadas para criar dependências por parte das trabalhadoras, primeiramente através de produtos adquiridos por um preço mais alto, vendidos pelas próprias donas das casas, como roupas e jóias, e depois pelo uso de drogas também vendidas dentro das casas. Outros problemas enfrentados pelas mulheres que atuam nas casas foram: vergonha, crise financeira, intrigas, carência afetiva e necessidade de manter a profissão.

Quanto às principais vantagens em ser profissionais do sexo, observamos que há uma regularidade entre os pontos positivos indicados pelas profissionais,

independentemente do local onde atuam: (50%) o dinheiro, (25%) as amizades, (20%) nada.

3.3 Muitos nomes, muitos nascimentos

Rayla, Dani, Jullia, Sirlene, Carla... e tantas outras com quem tivemos a oportunidade de conversar são mulheres nômades, artistas, personagens de tantas peças escritas por tantos clientes. Muito mais do que profissionais do sexo, são mulheres que nascem muitas vezes, transitando entre uma casa e outra, uma rua e outra, nunca se fixando.

Nossas entrevistadas, ao desenharem figuras que retratam o seu cotidiano, esboçam casas e explicam que este é um símbolo muito importante em suas vidas, pois a partir do momento em que decidem ser profissionais do sexo, também obrigatoriamente decidem deixar o lar.

O preconceito é muito forte e confunde-se, resultando num misto de auto-preconceito e preconceito familiar. São muito raras as famílias que aceitam esta decisão; a mulher geralmente disfarça sua ocupação com emprego de doméstica ou dama de companhia. Este desenlace das famílias de origem, segundo nossas entrevistadas, é muito dolorido, e ao falar dos filhos, geralmente, há manifestação de choro.

Em sua análise histórica acerca da prostituição, Rago (1991) indicou o simbolismo da troca de identidade entre as profissionais do sexo no início do século XX:

(...) O significado simbólico dessa transferência de identidade é forte pois ela vem acompanhada, de um lado, pela perda do sobrenome que vincula à família e, de outro, por toda uma metamorfose de sua identidade corporal. Trocando de nome, a prostituta mudava também a cor do cabelo, encurtava e decotava as roupas, passava a se maquiar com mais extravagâncias, enfeitava-se com jóias que revelavam status, produzia marcas no corpo, como tatuagens. (RAGO, 1991, p.238)

Para a autora, a profissional abandona seu nome de origem e cria um novo nome para si, ao mesmo tempo em que acontece a saída de casa e a seqüência de um ritual de mudanças onde nasce uma nova mulher. Então ocorre a passagem de uma vida anterior para um novo estágio, a prostituição.

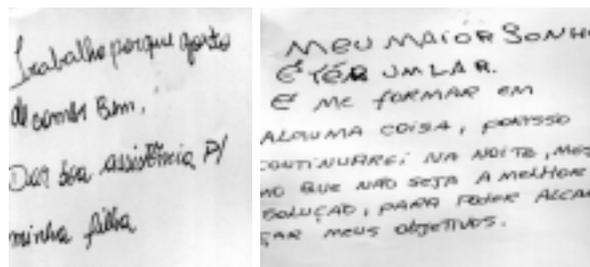
Podemos perceber que não se trata apenas de uma mudança de nome, pois a profissional do sexo opta por uma nova vida em novos contextos, com novas condutas e comportamentos.

Essa profissional sempre se encontrou no limiar entre a realidade e a fantasia, neste eterno processo de alquimia que Rago (1991) enfatiza, ser loira, ser cigana, enfim vender diversos papéis, sendo tudo e ao mesmo tempo nunca ser o que se é na verdade. Viver sem vínculos, envolver-se com todos, porém não sendo de ninguém.

3.4 Solidão, violência e a eterna busca de um afeto

Como podemos perceber, a entrada das mulheres no mundo da prostituição ocorre nas mais diversas circunstâncias. O depoimento de uma profissional de 78 anos, que atua nas ruas da região central de Curitiba, elucidada o tema: *Sou prostituta desde que meu marido me trocou*

Ilustração 1 – Manuscritos sobre a justificativa da profissão⁵



⁵ Atividade desenvolvida com profissionais atuantes nas ruas, abordando justificativas da profissão, na qual utilizamos a técnica de expressão em papel.

por outra, eu amava ele e como sei que nunca vou achar outro, eu tô na vida! Tudo o que eu queria era ter uma família! (SIC)

Quando pedimos para as participantes da oficina desenharem seus sonhos, essas mesmas profissionais desenharam uma casa e dizem que seu maior sonho era ter uma casa, pois se sentem cansadas e não desejam trabalhar a vida inteira.

Por mais que exista esse sonho de não permanecer na prostituição, é muito difícil mulheres com idade avançada abandonarem a ocupação. As justificativas para permanecerem nessa atividade variam, embora a mais comum seja a da sobrevivência (Ilustração 3).

Através da cena abaixo, desenhada por uma profissional, podemos perceber subjetivamente o senti-

Ilustração 2 – Cartaz sobre a rotina e a tristeza no trabalho⁶



⁶ Atividade desenvolvida durante a aplicação de técnica de cartaz, abordando o tema “rotina da profissão”

⁷ Aspas da autora, fazendo uso de termos utilizados pelas profissionais do sexo.

mento de solidão e tristeza. O bar, palco de muitas festas e comemorações, ponto de encontros para *happy-hours*, o desfile de belas garotas prometendo programas inesquecíveis encobrem um sentimento de solidão e humilhação ao mesmo tempo, cenas estas propiciadas pelos próprios clientes, que as violentam, as humilham e as agridem.

As pesquisadas definem os clientes em duas categorias: “O homem bom e o homem ruim”. Segundo elas, o chamado “homem bom” é o cliente que paga, não reclama de usar preservativo, nem fica se “enrolando” para terminar o programa. Muitos clientes se acham os “salvadores” que vão tirá-las da vida “suja”. Outros as humilham e as questionam sobre o porquê de escolherem “a vida fácil”⁷, e para provarem a sua masculinidade, as torturam e as violentam, após abusarem delas de todas as formas, não pagando o programa feito.

O contexto da prostituição as deixa vulneráveis a muitos riscos e a situações irreversíveis, como doenças, violência moral e física, preconceitos que marcam um corpo emocional por toda a vida.

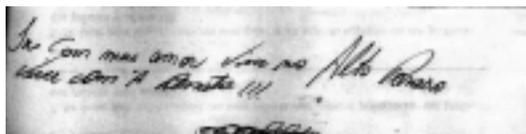
Olhos num ponto qualquer do quarto, voz baixa, marcas de cortes no rosto e manchas nos braços, esta foi a visão obtida ao realizar uma das oficinas. Quando

Ilustração 3 – A violência retratada pelas profissionais⁸

debatido no grupo o tema violência, concluímos que ela faz parte do dia-a-dia/noite-a-noite das profissionais. Podemos observar isso através do desenho abaixo, que deveria retratar o cotidiano das profissionais. Corpos marcados, desenhados com curvas, feitos para atrair a clientela, e o homem-cliente, masculinizado e armado. Quando perguntado sobre o desenho, a profissional responde que “faz parte”.

3.5 Muitas casas, muitas identidades...

As imagens abaixo são desenhos e frases de profissionais do sexo feitos durante oficinas, demons-

Ilustração 4 – As múltiplas identidades das profissionais⁹

trando que a diversidade não existe apenas entre as garotas das ruas e das casas, há também muita diferença entre uma casa e outra. Os valores de uma casa para a outra são completamente diferentes. Abordamos uma

⁸ Trabalho resultante de técnica de abordagem do tema preconceito com profissionais que atuam nas ruas da cidade.

⁹ Desenhos e pinturas resultantes de dinâmicas aplicadas nas oficinas. O texto da gravura a esquerda é: “Ir com meu amor viver no Alto Paraíso. Viver com a Renata!!!” Durante a realização do desenho à direita, a profissional fez questão de nos informar que a figura se tratava de duas meninas.

casa onde a cafetina é homossexual, o que revela uma outra face entre prostituição e vida pessoal dessas profissionais. Encontramos garotas que batalham na noite fazendo programas com homens, mas que mantêm uma vida pessoal, quanto à sexualidade e afetividade, com outras mulheres.

Nesse sentido, a proprietária da casa, assumidamente homossexual, conta a sua batalha e suas histórias com os clientes, homens que vêm em busca de realizar suas fantasias, alguns comprando lingerie por valores altíssimos para usá-las no programa, outros pedindo para realizar sexo com “vibrador”, enfim, todos os tipos de desejos.

Em contrapartida, em algumas das casas, as profissionais definiram como “putas” as mulheres que mantêm relação sexual com outras mulheres. Podemos assim observar a existência do preconceito entre as próprias profissionais, em que o diferente continua a ser motivo de exclusão e distanciamento, ainda que em determinadas situações elas enfrentem a mesma realidade.

3.6 Uma vida além dos programas...o cotidiano fora do bar

Apesar da invisibilidade aos olhos da sociedade, há uma outra vida atrás da prostituição, pois trata-se

de mulheres batalhadoras que exercem uma tripla jornada de serviço: família, trabalho doméstico e batalha na noite. Uma das profissionais enfatizou: *Antes de vir para o bar cuidamos de nossas casas e filhos.* (SIC)

Muitas dessas mulheres exercem atividades profissionais durante o dia, como: cabeleireiras, domésticas, babás, além de cuidarem dos filhos e do marido. Um indicador interessante a ser analisado é o fato de muitas delas serem casadas ou terem namorados, retirando assim a imagem da garota de programa fragilizada e excluída da possibilidade do desenvolvimento de uma família.

Elas passam por problemas comuns ao cotidiano de qualquer mulher, como pudemos presenciar em uma oficina quando uma profissional relatou sua dificuldade em conviver com o filho de 12 anos, que vêm lhe questionando insistentemente sobre a sua ocupação, pois ele é motivo de piadas na escola que frequenta. Diz sentir vergonha do trabalho da mãe. Nossa pesquisada demonstrou muito sofrimento ao citar este fato e pediu orientação sobre a forma como deveria contornar esta situação. No relato descrito, a mulher de programa é a mãe preocupada com a educação de seu filho, que quer como toda mulher ver a sua família da melhor maneira possível.

A antropóloga Cláudia Fonseca (1996, p. 17) verificou em seus estudos a relação da profissional

do sexo com a família:(...)..*Era um território de intensa sociabilidade feminina e muitas vezes familiar. Os filhos e netos eram um tema comum de conversa - fosse para queixar-se de um filho ingrato ou gabar-se de um bem sucedido. O filho de uma já tinha negócio próprio enquanto camelô, o filho de outra tinha sido preso; uma filha tinha brigado com o marido e largado sua progenitura com a mãe.*

Outras questões suscitadas nas oficinas revelaram o desejo de certas profissionais em ingressar numa outra carreira, sendo que, muitas vezes solicitavam cursos profissionalizantes para que pudessem aprender um novo ofício. Algumas garotas já haviam trabalhado antes em outras ocupações, porém a remuneração baixa não mantinha o padrão adquirido anteriormente. Quanto a essa realidade, Cláudia Fonseca (1996, p. 20) comenta: *Praticamente todas as mulheres já experimentaram outro tipo de emprego, não somente antes mas durante sua carreira de prostituta. Muitas vezes a instabilidade da clientela obriga-as a acionar simultaneamente diversas táticas para ganhar a vida .*

Em uma oficina em que trabalhamos o tema *solidão*, pudemos perceber o quanto a questão familiar pode ser um ponto frágil para algumas profissionais, já que muitas manifestaram culpa, preocupação, saudade, etc. Algumas se orgulharam por

Ilustração 5 – Pintura retratando a separação da família¹⁰



poderem proporcionar conforto à família e percebemos como se a necessidade de “ajudar em casa” financeiramente fosse um gesto de compensação pela profissão que assumem. Estávamos realizando um trabalho de pintura, quando uma profissional acompanhada do namorado pediu que ele saísse, e então pôs-se a explicar o seu desenho:

Falou do seu desejo de rever a filha pequena que deixou em outra cidade e da sua impossibilidade devido à profissão, além da sua relação conturbada com o namorado, com quem deseja ter um filho, mas não sabe se isso será possível.

¹⁰ Trabalhos de pintura sobre solidão, desenvolvido com profissionais atuantes em casas.

Ao explicar seu desenho, ela chorou, e juntamente com ela, num gesto de identificação, outra garota também chorou, e começou a narrar também a sua “luta”, para sobreviver e ficar perto da filha. Sobre isso Cláudia Fonseca (1996, p. 23) pontua : *Quase todas as mulheres são mães, boa parte é avó. Meia dúzia diz ter deixado um filho com a avó (geralmente materno) para criar. Porém, mais do que a metade está vivendo com parte ou toda a sua prole e vários já pegaram filhos “adotivos” para criar.*

3.7 A avaliação das oficinas feitas pelas profissionais

Como uma das atividades de encerramento das oficinas, propusemos um questionário em que as profissionais avaliaram a repercussão que o nosso trabalho teve em seu cotidiano. Concluímos, através dos primeiros resultados dos questionários, que a maioria das participantes aproveitou os temas abordados. Obtivemos assim um feedback positivo e podemos comprová-lo através dos resultados indicados: (50%) indicaram que foi um momento que as fez parar e pensar sobre a vida, melhorando sua auto-estima. Uma oportunidade de conversar sobre o dia-a-dia foi apontado por (20%)

das participantes; (15%) afirmaram que as conversas durante as oficinas fizeram com que melhorassem suas atitudes em algumas situações do dia-a-dia .

Ao solicitarmos a indicação dos temas considerados mais importantes, elas destacaram a oficina em que abordamos os sonhos (41%), seguido dos temas auto-estima (21%) e preconceito (14%).

Essas considerações foram reforçadas com o indicativo de que 94% das participantes vêem necessidade de que o trabalho continue a ser desenvolvido, e ao pedirmos que justificassem esse argumento elas escreveram: *Nos ajuda a ter um pouco de força e coragem de enfrentar tudo o que passamos!* Ou ainda: *A gente pode se expressar e falar sobre tudo!*

4 Conclusão

Podemos concluir que as profissionais do sexo são batalhadoras e estão longe de possuir uma vida fácil, vivendo num mundo invisível aos olhos da sociedade. Muito se sabe delas através de romances e matérias fantasiosas da mídia, porém, pouco se tem notícia da realidade dessas mulheres, de suas dores físicas e morais e dos problemas que ocorrem desde o funcionamento do ponto em que trabalham até as diversas

11 Utilizamos o termo *curá-las* com base na referência comum que algumas vezes se faz presente na sociedade, em que prostituição é vista como uma doença ou como uma preocupação moral.

dificuldades que enfrentam com os clientes, como a exigência da relação sexual sem o uso de preservativo, o não pagamento do programa conforme o preço combinado.

Com nossas abordagens nas oficinas, sem nenhum desejo de “curá-las”¹¹, conseguimos chegar bem próximo dessa realidade, estabelecendo uma interface entre o social e o educativo, proporcionando momentos de reflexão e busca de soluções em grupo, implementando hábitos, estimulando a auto-percepção, para que elas obtenham maior qualidade de vida e auto-valorização.

Mulher, profissional do sexo, mãe, filha, irmã, pai, lutadora, adolescente, apenas mulher, ser humano,

foram muitos os papéis que identificamos ao realizar esta pesquisa. Acreditamos não ser mais as mesmas após descortinar o cotidiano da profissional do sexo. Ao contrário do que acreditávamos, essa mulher (acima de tudo, mulher) não se dobra às pressões da vida. Ela luta e alcança seus objetivos, sendo mãe e pai de família, ocupando o topo da hierarquia na família, estando sujeita a inúmeros perigos e problemas, humilhações e preconceitos.

Acreditamos que o profissional da Psicologia não deve se abster de intervir junto a essas mulheres, atuando como agente social frente às necessidades sociais e psicológicas da classe.

Referências bibliográficas

EGAS, R. *Ecos da noite*. crônicas e notas de 1957 a 1959. Curitiba: Editora da Fundação Cultural, 1982.

FONSECA, C. A dupla carreira da mulher prostituta. In: *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1/96, p.7-33.

OLTRAMARI, L.C. *Representações sociais de profissionais do sexo da região metropolitana de Florianópolis sobre prevenção da AIDS e DSTs*. Florianópolis. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. 14p.

RAGO, M. L. *Os prazeres da noite*: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

VERISSIMO, M. (org). *Brasil sem homofobia*: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília : Editora MS, 2004.